



CAPA



# OS FUNDOS DOS FUNDOS

Têm €5400 milhões. Compram e vendem empresas com o propósito de lhes acrescentar valor e ganhar dinheiro. Os fundos partilham o risco e são uma das formas de recapitalização / Textos Margarida Fiúza

Apesar da “quebra no investimento” e do “fraco levantamento de fundos” que o sector do capital de risco tem registado, “esta altura em que as empresas estão descapitalizadas, em que é preciso capitais próprios, em que os incentivos comunitários não estão disponíveis ou já acabaram, em que os empresários estão limitados no capital que têm disponível, é o momento certo para o capital de risco poder ajudar”, afirma Paulo Caetano, presidente da AP-CRI – Associação Portuguesa de Capital de Risco e de Desenvolvimento.

No atual contexto económico, “a entrada dos fundos (de capital de risco) nos projetos permite consolidar os ativos em termos económico-financeiros e melhorar a oferta, adequando a atividade e os investimentos ao mercado”, defende fonte oficial da ECS Capital, umas das sociedades gestoras de capital de risco no mercado.

João Arantes e Oliveira, presidente da sociedade gestora ES Capital, vai mais longe: “o capital de risco é uma medida de financiamento através de reforço de fundos próprios que deve ser considerada pelas empresas independentemente do ciclo económico”. No passado, recorda, “muitos empresários tinham a perspectiva de que o financiamento dos seus negócios podia concretizar-se com base em dois pressupostos, que vieram a revelar-se falíveis: a disponibilidade permanente de crédito bancário e o crédito bancário a baixo custo”. O gestor adianta que “os empresários estão hoje muito mais sensíveis às questões do planeamento financeiro e à necessidade de terem estruturas financeiras fortes, capazes de suportar planos de crescimento mais sólidos. Esse é o plano do capital de risco”.

Ao contrário do financiamento bancário, o capital de risco participa no risco empresarial, apoiando a gestão do negócio e tentando otimizar ao máximo o seu sucesso. O investimento de quem investe está dependente dos resultados obtidos.





Em declarações à Exame, o secretário de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação, Franquelim Alves, sublinha as vantagens do capital de risco: “permite a estabilização do capital das empresas, sem pagamento de juros ou reembolsos, traz profissionalismo ao nível da gestão e facilita o acesso a mercados internacionais e a mais financiamento (usando o novo parceiro como referência), e a empresa disciplina a exigência aos projetos”.

Joaquim Sérvulo Rodrigues, presidente executivo da ES Ventures (outra sociedade do universo BES), “o Capital de Risco destina-se a apoiar projetos empresariais inovadores com grande potencial de crescimento, quase todos eles destinados a um mercado global”. O gestor adianta que esses projetos, “apesar de terem um grande potencial de criação de valor, têm também riscos significativos”. Pelo perfil de risco associado a estas empresas o crédito bancário não é a forma de financiamento adequado (a probabilidade

de a empresa falhar é demasiado elevada). Já o Capital de Risco “investe no capital dessas empresas, tornando-se acionista a par com os empreendedores, assumindo portanto os riscos e beneficiando dos eventuais benefícios, colaborando com os empreendedores de forma a maximizar as probabilidades de sucesso”, acrescenta.

O capital de risco pode contribuir para “melhorar o financiamento da economia e consequentemente a competitividade das empresas, principalmente quando estas necessitam de procurar novos mercados, lançar novos produtos ou adotar novas tecnologias que lhes garantam níveis de crescimento e rentabilidade que assegurem a sua sustentabilidade”, comenta fonte oficial da Caixa Capital. Pode ser ainda relevante em fases críticas do desenvolvimento do negócio, como também sejam “a aquisição e integração de unidades produtivas ou o desenvolvimento de canais de distribuição”, reforça Afonso Barros, diretor-geral da Inter-Risco.

Os fundos de capital de risco “são uma oportunidade para as empresas revitalizarem os seus negócios e/ou expandirem as suas atividades, beneficiando das capacidades financeiras, técnicas e estratégicas proporcionadas”, afirma fonte oficial do ECS Capital. São também uma fonte de financiamento da atividade empresarial que permite “diluir o risco dos novos investimentos, partilhando-o”, acrescenta Nuno Gaioso Ribeiro, sócio fundador da sociedade Capital Criativo.

O facto de o financiamento bancário estar hoje mais limitado não significa que o acesso ao capital de risco esteja facilitado. Como alerta Gonçalo Pereira Coutinho, da Patris Capital, “a conjuntura económica e financeira atual aumenta a receptividade dos empresários a esta forma de financiamento, mas ao mesmo tempo torna mais exigentes os investidores de capital de risco”.



## PORTUGAL VENTURES

Tem 26 fundos sob gestão, com um portefólio que cobre todo o ciclo de vida do investimento – em função da maturidade das empresas, desde *seed capital* (projetos em fase de projeto e desenvolvimento) até *private equity* – e diferentes sectores da economia.

Com cerca de 600 milhões de euros de ativos sob gestão, a Portugal Ventures tem ainda perto de 150 milhões de euros disponíveis para investir. Para já, tem participações em mais de 100 empresas, no conjunto das suas três áreas de negócio: Venture Capital, Private Equity e Turismo, e que, globalmente, exportam para mais de 60 países.

A área Venture Capital investe em empresas emergentes de base tecnológica e potencial de expansão global nas áreas das tecnologias da informação e comunicação, energia, ciências da vida e recursos endógenos. Participa em 26 empresas, que empregam 770 pessoas e exportam cerca de 46 milhões de euros por ano.

Na área de *private equity*, a Portugal Ventures investe em sectores tradicionais da economia (indústria, comércio e serviços). Tem 54 empresas participadas, responsáveis por cerca de 2400 milhões de vendas por ano e 1500 milhões de exportações e 18000 postos de trabalho.

No sector do turismo, participa em 25 empresas que apresentam vendas na ordem dos 136 milhões de euros e geram 1600 postos de trabalho.

**“O CAPITAL DE RISCO PERMITE A ESTABILIZAÇÃO DO CAPITAL DAS EMPRESAS, SEM PAGAMENTO DE JUROS OU REEMBOLSOS”, DESTACA O SECRETÁRIO DE ESTADO FRANQUELIM ALVES**





## CAPA

€112  
MILHÕESINTER-  
-RISCO

Gere o Fundo Caravela (integralmente investido), com uma dotação de 30 milhões de euros, e o Fundo Inter-Risco II (fase de investimento até 2014), com uma dotação de 81,5 milhões de euros. Este último, lançado em Novembro de 2010, é orientado para a consolidação sectorial em PME nacionais.

"Os últimos seis meses foram particularmente intensos na atividade da Inter-Risco", sublinha Afonso Barros, diretor-geral da empresa. Como serve de exemplo a constituição da OneVet, sociedade criada para o investimento no mercado nacional de medicina veterinária, que em fevereiro deste ano se tornou na "maior rede proprietária de centros de atendimento médico-veterinário na Península Ibérica", integrando o Hospital Veterinário do Porto, o Grupo Hospital Veterinário do Baixo Vouga, o Grupo Institutos Veterinários e o Grupo Clínicas Veterinárias Dr. Almeida Santos.

Para Afonso Barros, as empresas participadas pelo Fundo Caravela são "bons exemplos da forma de atuação da Inter-Risco". Na Sotkon, empresa produtora de contentores enterrados, "a consolidação, via aquisição de um player espanhol, foi sinónimo de internacionalização, sucessão geracional e apropriação de uma nova tecnologia de produto", descreve. "Em menos de sete anos, a Sotkon tornou-se numa autêntica multinacional, com presença em mercados tão distintos como Brasil, Angola, França, Alemanha, ou Turquia", acrescenta. Também através de uma estratégia de consolidação, a Moneris (prestação de serviços de apoio à gestão), a Mastertest (centros de inspeção) e a NewCoffee (marcas Sanzala, Caffècel, Lavazza, Bogani e Caféeira), "se tornaram em referências nos mercados onde atuam".

Entre 2007 e 2012, "o ativo total das empresas participadas pelo Fundo Caravela e Fundo Inter-Risco II cresceu 104%", sendo que o seu volume de negócios e EBITDA cresceram, respetivamente, 54% e 53%, enquanto o número de trabalhadores cresceu 15%", contabiliza Afonso Barros.

€81  
MILHÕESCAPITAL  
CRIATIVO

A Capital Criativo foi fundada em 2009 por Nuno Gaioso Ribeiro, a Portugal Telecom e a Promovalor (de Tiago Vieira, administrador da Inland), e conta ainda na sua estrutura com nomes como os de João Pecegueiro, presidente executivo da Urbanos, e de Luís Nazaré, ex-presidente dos CTT.

É uma das sociedades de capital de risco que vão gerir os fundos para apoiar os programas de revitalização das empresas, alavancados por bancos e Estado, através de um fundo de 60 milhões de euros para a zona sul (Lisboa, Alentejo e Algarve).

Tem também um Fundo I, de 20,5 milhões de euros, destinado a expansão de pequenas e médias empresas (PME) ainda em ciclo de investimento. E está em fase de levantamento do Fundo II, de 50 milhões de euros. "Não temos limitações sectoriais relevantes, mas privilegiamos PME produtoras de bens ou serviços transacionáveis", afirma Gaioso Ribeiro.

Em setembro do ano passado, a Capital Criativo entrou na Events by TLC, especializada na produção e logística de eventos, em Portugal e no Brasil, através de um aumento de capital de €650 mil. Em outubro, investiu na tecnológica brasileira CórteX Intelligence em Portugal, como ponte para a Europa, Médio Oriente e África.

A Capital Criativo tem apoiado e desenvolvido negócios, "não só com capital mas também melhorando a qualidade da sua gestão e apoiando no acesso a novos mercados", explica o gestor. "A ISA (empresa de telemetria), por exemplo, foi capitalizada pela Capital Criativo e concluiu o desenvolvimento de dois novos produtos de eficiência energética (Cloogy e Kisense), foi admitida ao NYSE Alternext e expandiu-se internacionalmente para América Latina e Médio Oriente", exemplifica. "A Live Content reforçou a sua quota de mercado doméstico e expandiu-se para o Brasil e o México. A Events by TLC alargou o portefólio da oferta, cresceu no mercado doméstico e expandiu-se para o Brasil", conclui o gestor.

€2300  
MILHÕESECS  
CAPITAL

Fundada por Fernando Esmeraldo e António de Sousa, em 2006, a ECS Capital é responsável por quatro fundos: Albuquerque (empresas com forte potencial de crescimento), Recuperação (empresas com constrangimentos financeiros, mas que têm viabilidade económica), FLIT - Fundo Lazer, Imobiliário e Turismo, e FRT (reestruturação de ativos relacionados com o turismo) - com o montante subscrito de cerca de 800 milhões de euros, onde estão integrados os ativos imobiliários turísticos do grupo CS (Carlos Saraiva).

O FLIT foi o primeiro veículo de recuperação de créditos a ser criado, no último trimestre de 2011, e já foi alvo de um aumento de capital, de €380 milhões para €600 milhões, realizado através da subscrição por parte das instituições financeiras que constituem a sua base de investidores (BCP, BES, CGD e Banif).

Com cerca de 845 milhões de euros de ativos sob gestão, a ECS Capital tem histórico na área da recuperação de empresas. O Fundo Recuperação tem um capital subscrito de 740 milhões de euros e investe em empresas em dificuldades financeiras e é também participado pelo Tesouro (8%) e pelos bancos CGD, BES, BPI, BCP, Santander e Banif.

Já o Fundo Albuquerque, que tem um capital subscrito de 105 milhões de euros, está vocacionado para operações de investimento entre 5 milhões a 15 milhões de euros e conta com participações nas empresas Pinkplate, Viva Mais, Iberwind (com a Magnum Capital) e Movex.

Ao todo, o ECS Capital adquiriu participações ou contratos de gestão em cerca de 50 empresas, em perto de 20 sectores, tendo efetuado já dois desinvestimentos totais (ambos em 2011), com a venda das posições detinha na editora de livros Babel à Ongoing e na tecnológica Newvision à norte-americana Riverside.





## CAPA

€912  
MILHÕESEXPLORER  
INVESTMENTS

Criada em 2003 pelos sócios Rodrigo Guimarães, Elizabeth Rothfield e Marco Lebre, a Explorer Investments conta atualmente com mais de 800 milhões de euros sob gestão, através de participações em ativos de diferentes sectores de atividade. Entre eles estão a Nutricafés, a Solzaima, Charon e a Totalmídia. Os fundos (Explorer I – 62 milhões de euros, Explorer II – 200 milhões e Explorer III – 270 milhões) **investem em empresas portuguesas, e excepcionalmente espanholas, em estágio avançado de desenvolvimento**, aplicando entre 15 milhões e 45 milhões de euros de fundos próprios em cada transação.

A mais recente operação da gestora foi a alienação de 100% do capital da Probos, empresa de referência mundial no mercado de ortas plásticas, à espanhola Nmás1 Mercapital, por cerca de 75 milhões de euros. Nos últimos quatro anos, adianta a Explorer em comunicado, a Probos aumentou as suas vendas de 33 milhões de euros para aproximadamente 58 milhões de euros, conseguindo, simultaneamente, duplicar o EBITDA.

A Explorer tem ainda o fundo Discovery, que se destina à recuperação de empresas e tem sob gestão ativos avaliados em 300 milhões, com o objetivo de chegar a meio do ano com €400 milhões a €500 milhões. O fundo tem já 12 investimentos realizados na área do turismo, entre os quais se incluem os empreendimentos Campo Real, Meliá Lousã, Hotel Praia Verde, o Longevity Wellness Resort e o Oceanville.

A Explorer é também uma das sociedades de capital de risco (tal como a Oxy Capital – fundo de €80 milhões para a zona Centro – e a Capital Criativo – fundo de €60 milhões para a zona Sul- Lisboa, Alentejo e Algarve) que vão gerir os fundos de base regional para apoiar os programas de revitalização das empresas, alavancados pela banca e pelo Estado, através de um fundo de 80 milhões de euros para a zona Norte.

€30  
MILHÕESPATRIS  
INVESTIMENTOS

Nasceu em 2006, pelas mãos de Gonçalo Pereira Coutinho, e conta com cerca de 20 acionistas, entre os quais a equipa de gestão, a Fundação Luso-Americana e o grupo Regojo.

Com três fundos de capital de risco, através da sua participada Patris Gestão de Ativos, o total de ativos sob gestão do fundo é de cerca de 480 milhões de euros, sendo que o montante de participação dos três ascende a perto de 30 milhões de euros. “Os fundos de capital de risco geridos pela Patris Gestão de Ativos não têm nenhuma orientação sectorial específica, podendo investir na maioria dos sectores de atividade”, afirma Gonçalo Pereira Coutinho. **O seu fundo mais ativo, o Atlas Capital, já tomou participações em três empresas este ano.**

“A Patris aporta capital, orientação estratégica e rigor de gestão, deixando o comando operacional às equipas de gestão de cada uma das empresas em que participa. Pensamos que é o modelo ideal para que as empresas possam tirar o maior proveito possível do facto de terem um parceiro financeiro”, acredita o gestor.

€1150  
MILHÕESSOCIEDADES  
DA BANCA

Com cerca de 250 milhões de euros sob gestão, a ES Ventures tem quatro fundos ativos que **investem em “empresas com conceitos inovadores, destinados a um mercado global, com grande potencial de crescimento”**, afirma Joaquim Sérvulo Rodrigues, presidente executivo da ES Ventures. O gestor destaca as participações na Outsystems, empresa que é “líder mundial na sua área de atuação com utilizadores em mais de dúzia e meia de países”, e na Sousacamp, “um dos maiores produtores europeus de cogumelos, com grandes vantagens competitivas no controlo do processo produtivo, entre dezenas de empresas bem sucedidas”.

Já a ES Capital gere cerca de 350 milhões de euros, distribuídos por dois sectores principais – capital de desenvolvimento (sem especialização setorial) e infraestruturas / energia renovável – e três mercados: Portugal, Espanha e Brasil. Na área de capital de desenvolvimento, João Arantes e Oliveira, presidente executivo da ES Capital, dá como exemplo a tomada de uma participação na Panicongelados, para financiamento da sua expansão industrial, e na área de Infraestruturas/energia, a construção de um parque eólico em Espanha e a expansão da sua participada de energia solar, a Globalwatt. “No caso da Globalwatt, constituímos a empresa em 2010 com o Grupo Salvador Caetano, numa lógica 50% – 50%, e temos o objetivo de ter 20MW de energia solar a funcionar no final do ano, sendo Top 3 nacional do sector”, avança o gestor.

Já os Fundos geridos diretamente pela Caixa Capital ascendem a um montante global de 550 milhões de euros, através de quatro fundos de capital de risco. Fonte oficial da Caixa Capital detalha que o volume investido em participadas (sob gestão direta) ascendia, no final do ano passado, a 310 milhões de euros, aplicados em 82 empresas, a que acrescem compromissos adicionais de realização de capital de 28 milhões de euros. ■